



BIOTECNOLOGIA

Açores ajudam a fazer remédios

Bioalvo vende acesso a **lista de extractos naturais** obtidos no arquipélago

São microscópicos mas valem muito dinheiro e há empresas estrangeiras dispostas a pagar para poder aceder aos extractos naturais que compõem a colecção da portuguesa Bioalvo.

A biblioteca PharmaBUG é natural da região dos Açores. Foi ao largo deste arquipélago que cientistas da Universidade de Lisboa (UL) isolaram 93 microrganismos (de amostras de água, sedimentos ou de pequenos animais), que deram origem a 187 extractos com potencial para serem usados pela indústria farmacêutica. Os direitos comerciais exclusivos da colecção foram comprados pela Bioalvo à UL, em 2007, por um valor que a presidente da empresa, Helena Vieira, não determina.

A partir daí, a Bioalvo "dedicou-se a preparar os extractos para validar a sua utilidade farmacológica", adianta a presidente. Finalmente já estão a rentabilizar o investimento, através de um negócio com a Marinomed. O acordo, cujo valor permanece em segredo, permite à biofarmacêutica austríaca aceder ao material existente na PharmaBug. A Marinomed, que descobre e desenvolve tratamentos a partir de produtos naturais, pretende identificar novos remédios para doenças do sistema imunitário.

Vender o acesso aos extractos é um dos três modelos de negócio da Bioalvo. A biblioteca passa a ser utilizada por terceiros que tenham objectivos terapêuticos distintos da aposta da portu-

guesa Bioalvo, que estuda patologias neurodegenerativas, como as doenças de Alzheimer e de Parkinson. A Marinomed é a primeira e Helena Vieira não descarta estar já a negociar com outras biofarmacêuticas.

Nesta fase, o acordo com a austríaca é mais do que estratégico, pois desde finais de 2008 que a Bioalvo precisa de capitais. "É sem dúvida fundamental para consolidar o valor da empresa e potenciar ainda outros investimentos", frisa a presidente. Ao todo, são necessários €5,5 milhões mas não tem sido fácil. A Bioalvo conseguiu que a Inovcapital reforçasse o investimento, mas Helena Vieira, sem dizer quanto obteve da capital de risco, adianta que ainda não reuniu o dinheiro suficiente.

A Bioalvo dedica-se às fases mais iniciais do desenvolvimento de remédios que podem ser naturais ou sintéticos. Por semana, a biotecnológica situada no campus da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, faz cerca de 10 mil testes a um gigantesco manancial de amostras. À biblioteca de extractos naturais soma-se uma outra colecção de mais de 50 mil compostos sintéticos. São milhares de tentativas para acertar no alvo e descobrir moléculas que serão os medicamentos de amanhã.

As investigações que forem mais além e atinjam uma fase pré-clínica (antes dos testes em humanos) serão vendidas a multinacionais farmacêuticas. Se-



Helena Vieira, 33 anos, presidente da Bioalvo FOTO ALBERTO FRIAS

gundo Helena Vieira, as biotecnológicas desembolsam cerca de "€800 mil para desenvolver um fármaco com sucesso, um valor que engloba os falhanços", entre outros custos.

A Bioalvo ainda não tem material para negociar, mas está a trabalhar em várias frentes. Além da rentabilização das bibliotecas, o negócio assenta noutros dois vectores: a exploração das soluções tecnológicas no rastreio de novas drogas e as parcerias com universidades, biofarmacêuticas e biotecnológicas, para desenvolver produtos e para os colocar no mercado (ver caixa). A Bioalvo nasceu em 2005, com €1,3 milhões da Inovcapital e outros €1,4 milhões dos sócios fundadores em capital intangível (fruto da valorização dos activos científicos da empresa). A Inovcapital e PME Investimento detêm 48% da empresa e os restantes 52% estão nas mãos de seis gestores. Quanto a resultados, só este ano é que a Bioalvo vai facturar "alguns milhares de euros". Nos primeiros três anos de actividade (2006-2008), o volume de negócios "foi insignificante, como é expectável para o arranque de uma *start-up* tecnológica". Até agora, foram investidos cerca de €3 milhões na empresa.

ANA SOFIA SANTOS
assantos@expresso.impresa.pt

PROJECTOS

■ O projecto mais promissor resulta de uma parceria com o Instituto de Medicina Molecular, da Faculdade de Medicina de Lisboa, e entidades espanholas e alemãs. O objectivo é o desenvolvimento de moléculas para o tratamento da dor e de doenças neurodegenerativas.

■ Com outros parceiros, a Bioalvo está a estudar biomarcadores (permitem fazer diagnósticos) para a doença de Parkinson e de outras demências, bem como a descoberta de drogas para tratar estas patologias.

■ Este dois projectos internacionais são financiados por Bruxelas — até agora, a Bioalvo obteve cerca de €900 mil em apoios comunitários e aguarda "decisões sobre outros financiamentos". Está também envolvida em vários outros projectos de âmbito nacional, nomeadamente em colaboração com centros de investigação.